

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA  
E AFRICANA

LUÍSA ALBUQUERQUE CAVALCANTI

O HERÓI NEGRO AFRO-BRASILEIRO NA TRADIÇÃO  
CULTURAL: ESTUDO EM CAMPINA GRANDE – PB

GUARABIRA - PB  
2011

LUÍSA ALBUQUERQUE CAVALCANTI

O HEROI NEGRO AFRO-BRASILEIRO NA TRADIÇÃO CULTURAL: ESTUDO EM  
CAMPINA GRANDE – PB

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Literatura e Cultura Afro-brasileira e Africana da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção ao título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Luis Tomás Domingos

GUARABIRA - PB  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

C377h Cavalcanti, Luísa Albuquerque

O herói negro afro-brasileiro na tradição cultural:  
estudo em Campina Grande-PB / Luísa Albuquerque  
Cavalcanti. – Guarabira: UEPB, 2011.

48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de  
Especialização Cultura Afro-brasileira e Africana)  
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Luis Tomás Domingos.”

1. Tradição cultural 2. Identidade cultural 3.  
História cultural. I. Título.

22.ed. CDD 907.2

“Existe uma história do povo negro sem o Brasil.  
Mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro”  
(Januário Garcia)

Dedico este trabalho  
aos meus bisavós,  
a minha bisavó branca  
e a minha bisavó negra.

## Agradecimentos

Agradeço ao autor da minha vida aquele que fez os céus e a terra, fez o milagre da minha vida também. Aos meus pais que me ajudaram, deram força durante mais essa etapa de minha vida, sobretudo, por serem exemplo de experiência de vida, por me ensinarem a ser temente a Deus e por acreditarem na importância da família em nossas vidas. Gostaria de agradecer (*in memoriam*) a minha avó Ceci, que infelizmente não está entre nós, pelo constante estímulo sempre dado a mim e por suas palavras de amor. Aos heróis e heroínas antepassados de minha família.

A professora Rosilda, que me proporcionou o contato para a seleção e aos demais professores da Especialização em Literatura e Cultura Afro-brasileira e Africana do *campus* de Guarabira. Lembrarei de todos durante minha vida acadêmica. Ao professor Luís Tomás por ter aceito a orientação dessa pesquisa. Creio que esta pesquisa é pioneira, pelo seu tema e seu caráter interdisciplinar. Foi um desafio para mim realizá-la, por não se tratar de uma pesquisa de cunho bibliográfico, mas por contar com a ajuda de informantes.

Aos colegas, àqueles que a vida os fez trilhar por outros caminhos, e aos heróis e heroínas que permaneceram até o final deste curso. Sentirei falta das histórias de passarinho, das discussões, da persistência e da superação de nossa turma. Finalmente, agradeço a todos estes que contribuíram e deixaram suas marcas nessa pesquisa.

## Resumo

O intuito desta pesquisa é analisar o herói negro afro-descendente na tradição cultural na cidade de Campina Grande (PB). A fim de nos situarmos, escolhemos como marcos teóricos-metodológicos necessários: a história cultural, a identidade cultural e o conceito de herói. O contexto de produção da pesquisa foi de cunho bibliográfico e de campo com a aplicação dos questionários e a realização de entrevistas e conversas informais com os informantes que se auto-definem como negros em nossa cidade. Assim, foi necessário um passeio pelos aspectos históricos da Escravidão desde a Africana até a da nossa localidade, para melhor compreendermos a situação do sujeito negro afro-descendente. Por fim, traçamos o perfil dos entrevistados e analisamos os dados sobre esse herói o que nos conduziu a percepção de que o herói está vinculado a identidade sócio-familiar e a sua experiência de vida.

### Palavras-chave

Cultura. História cultural. Identidade cultural. Herói. Afro-descendente

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>13</b>
2.1 HISTÓRIA CULTURAL .....	13
2.3 O HERÓI .....	17
2.4 MÉTODO DA PESQUISA .....	19
2.5 AS CONDIÇÕES DA PESQUISA .....	20
2.6 O QUESTIONÁRIO .....	20
2.7 REAÇÕES DURANTE A COLETA DE DADOS .....	21
<b>3 CONTEXTO HISTÓRICO .....</b>	<b>22</b>
3.1 SOBRE A ESCRAVIDÃO.....	22
3.2 A ESCRAVIDÃO NEGRA .....	23
3.3 A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL.....	25
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>26</b>
<b>5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>



A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engastadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
Recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje- o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

(Poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo)

## 1 Introdução

O poema acima nos remete à tradição dos povos negros e indígenas a partir da história, da cultura e da memória oral dos seus antepassados. Nesse caso, a bisavó, a avó, a mãe, a voz do sujeito e a voz da sua filha que será uma mistura entre as outras vozes. Demonstra-nos claramente o diálogo entre passado, presente e futuro.

Atualmente, em sala de aula existem pesquisas em diferentes campos do saber, como os gêneros escolares, em lingüística; o resgate da memória oral, em história; as paisagens naturais da região, em geografia; entretanto, as instituições escolares, deixam de lado o estudo do sujeito negro no cotidiano de sala de aula, nas discussões com a literatura e as artes, o ensino do sujeito negro só acontece isoladamente e apenas quando o professor de história retoma as questões do Brasil Império/República e, às vezes, perto de alguma data importante como o dia da abolição da escravatura ou o dia da consciência negra, muitas vezes pelo despreparo dos professores.

Essa ausência na formação docente também está presente no que diz respeito aos estudos de história e literatura Afro-brasileira. De um lado vemos carência de livros na biblioteca, de outro o desconhecimento de abordagens de ensino-aprendizagem visando o estudo dos negros, e de sua cultura em nosso país. Em algumas escolas e bibliotecas municipais existem livros desta temática, mas falta preparo do professor a fim de não cair na moda, pensar que é moderno, levar tais obras para a sala de aula com o olhar do europeu só irá afirmar ainda mais o preconceito.

O início dessa pesquisa aconteceu ao ministrarmos uma aula no Ensino Fundamental II sobre “o herói”, quando perguntei sobre quais heróis eles acreditavam os alunos me responderam que não acreditavam neles. Imediatamente, me recordei os versos de Cazusa “meus heróis morreram de overdose”. Não acreditei neles e depois procurei refletir sobre a imagem desses heróis. Como essa turma era de ensino fundamental. Eu estava numa sala de aula em que a maioria da cor da pele das pessoas era com mais melanina.

Assim, sentimos falta do herói negro com imagem positiva e formulei as seguintes questões: será que os alunos realmente não acreditam em heróis? Ou eles creem na existência dos heróis como os da televisão? Esse herói seria parecido com Batman ou Homem-Aranha? Com o desbravador Ulisses ou com o jovem Teseu? Ou eles creem na existência de um herói parecido com a cor da pele deles? Ou mesmo com os sujeitos que moram no seu bairro? Será que os alunos, e os demais cidadãos se distanciam da imagem do herói negro por não a verem vinculada à mídia? Ou apenas porque a imagem do negro que eles veem é arraigada de preconceitos, de expressões de desrespeito e estereotipadas que eles veem todos os dias?

Quais seriam as características dessa outra percepção de herói? Como esse herói afro-brasileiro vive nos dias de hoje? Cabe a nós construirmos ao longo desta pesquisa a resposta para tais questionamentos.

Justificando o interesse em estudar o sujeito negro, afro-brasileiro, teve como motivo adicional o fato desta estar na LDB, lei 9394/1996 e ressaltar que no currículo escolar deve contemplar o “ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia” (artigo 26, §4), mais adiante a LDB afirma ser obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena (artigo 26-A), e também o Parecer CNE/CP nº 03, de 10 de março de 2004.

De acordo com a referida lei devemos abordar o estudo de conteúdos de história da África e a cultura dos Afro-brasileiros e Africanos, bem como a luta desse sujeito e os aspectos culturais no Brasil. Tais conteúdos devem ser ministrados nas disciplinas de Literatura, História e Educação Artística visando a formação da identidade dos educandos e resgatando a contribuição dos negros nos aspectos sócio-econômico-políticos na história brasileira.

Assim, percebemos que, de fato, mesmo existindo a obrigatoriedade, a lei não é cumprida, de maneira geral, pois faltam profissionais habilitados a ensinar/aprender sobre o sujeito negro e a cultura Afro-brasileira e Africana, também percebemos a falta de iniciativa e de querer trabalhar com a temática do negro nos dias atuais. Apesar disso, vemos algumas iniciativas de profissionais que já levam essa temática

para a sala de aula em seu cotidiano, sejam em universidades, na pós-graduação, em com alguns pioneiros nos estados e municípios de nosso país.

Além desse fato, o interesse também se deu em virtude de percebermos que o discurso sobre o negro (em alguns autores da literatura brasileira, charges, propagandas e no cinema) têm uma imagem inferiorizada aos demais cidadãos, geralmente são empregados, sem muita escolarização e com pouca renda. Essa imagem nos remete à época da escravidão, na qual os negros nem eram considerados cidadãos. Tal imagem não contempla a importância exercida pelo negro quer na vida política quer na vida cultural da população brasileira composta por Afro-brasileiros e seus descendentes.

Nesse sentido, a lei 10639/2003 Lei 10639/2003, enfoca o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em especial em conteúdos de Educação Artística, Literatura e História do Brasil (art 1º), de modo que os educandos vivam numa nação democrática (art. 3º). Essa lei propõe uma nova significação do lugar do negro, seja na escola ou na vida através do estudo dos valores culturais e das relações de raça, sendo que o negro não está à margem. Ele é alguém que sempre participou da vida cultural da população brasileira.

Em nossa pesquisa pretendemos fazer uma análise baseada na observação e na coleta de dados junto informantes afro-brasileiros, que habitam na cidade de Campina Grande – Paraíba, visando a representação e a imagem do sujeito negro. Assim, tal sujeito em nossa pesquisa será denominado “herói”.

De modo específico dos deteremos nos seguintes aspectos: a) social, a fim de apontar questões inerentes aos sujeitos da comunidade e aprofundar nossa análise; b) histórico, para obtermos embasamento sobre o contexto histórico dos sujeitos participantes da pesquisa e melhor compreendê-los; e c) divulgação da cultura africana e o resgate das culturas afro-brasileiras.

Não poderíamos nos aventurar nessa pesquisa sem antes nos reportarmos aos aspectos teóricos metodológicos que nos embasaram. No próximo capítulo tratamos dessa sessão.

*“Para mim, o leitor é um parceiro que eu vou procurar”.*  
João Antônio.

## **2 Embasamento Teórico-Metodológico**

Nesse capítulo teceremos a respeito das teorias que nos embasaram nosso estudo, a saber: a História Cultural, a definição de Herói, a metodologia de pesquisa utilizada, as condições da pesquisa, o questionário e as reações dos informantes.

### **2.1 História Cultural**

Segundo Burke (2005) a história cultural foi redescoberta em 1970. Para ele existem duas abordagens: a interna e a externa. A primeira trata da renovação da história cultural como “uma reação às tentativas anteriores de estudar o passado que deixavam de fora algo ao mesmo tempo difícil e importante de compreender”, (p.8). Para essa vertente o historiador cultural alcançaria “‘artes’ do passado que outros historiadores não conseguiriam”. Já na abordagem externa, a história cultural estaria numa “virada cultural” mais ampla, por abarcar outras disciplinas tais como: ciência política, geografia, economia, psicologia, antropologia e “estudos culturais”.

Para o cientista político Samuel Huntington (apud Burke 2005) no mundo atual as distinções culturais seriam mais importantes do que as políticas, econômicas. Como exemplo, no fim da Guerra Fria não existiria um conflito de interesses, mas um “choque de civilizações”. Tal mudança na percepção insere expressões comuns, tais como: “cultura da pobreza”, “cultura do medo”, “cultura das armas”, “cultura dos adolescentes”, “cultura corporativa”, “guerras de culturas” e debates sobre “multiculturalismo” em diversos países. Não obstante muitas pessoas passam a utilizar o termo “cultura” para designar “situações cotidianas que há 20 ou 30 anos teriam merecido o substantivo ‘sociedade’” (p.9).

Diante do exposto, e da popularidade de tais expressões percebemos a dificuldade em inserir ou não o que faz parte da “cultura” de um indivíduo. Como também a definição de cultura é difícil por se tratar de diferentes segmentos da vida do indivíduo. Do mesmo modo o referido autor explica-nos a definição de história

cultural. Pergunta esta, feita em 1897 pelo historiador Karl Lamprecht. E cuja resposta definitiva, ainda esperamos até os dias de hoje. Uma possível solução para tal questionamento seria refletirmos sobre seus métodos de estudo que são: a) intuitivamente, como Jacob Burckhardt; b) quantitativos; c) a procura de um significado; d) com o foco nas práticas e nas representações; e) vendo seu objetivo como descritivo, sendo apresentada como uma narrativa. Diante de diversos métodos cabe ao historiador retomar as palavras de Sartre (apud Burke 2005) ao afirmar que “embora a história cultural não tenha essência, ela possui uma história própria” (p.10). E buscar em seu trabalho individual, o método que seria mais eficaz para estudo.

A história cultural não configura-se como uma descoberta recente, pois vem sendo praticada na Alemanha há mais de 200 anos, sob o título *Kulturgeschichte*. Antes a história era objeto isolado de várias áreas do conhecimento (filosofia, pintura, literatura, química, linguagem, etc). Segundo Burke (2005) em 1780 podemos encontrar histórias da cultura humana, bem como de regiões ou nações. O termo *Culture* ou *Kultur* foi empregado durante o século XIX na Inglaterra ou Alemanha. Enquanto na França o termo utilizado era *civilization*.

Tal vertente é dividida em quatro fases, a saber: a) clássica, entre 1800 e 1950; b) história social da arte, a partir de 1930; c) história da cultura popular, em 1960; e, d) nova história cultural. Na primeira fase, as reflexões foram pautadas na idéia da “grande tradição” em que os pesquisadores deveriam refletir “o retrato de uma época” (Burke, 2005, p.16). Como exemplo nessa fase temos o historiador suíço Jacob Burckhardt (1860) e o historiador holandês Johan Huizinga (1919). As pesquisas eram concentradas sobretudo, na história dos clássicos, formado por “cânone” de obras de arte, literatura, filosofia, ciência e etc. Em tais pesquisas a preocupação dos historiadores estava nas “conexões entre as diferentes artes”, a fim de estabelecer relações entre elas. Nesse sentido, “participantes ‘liam’ pinturas, poemas etc específicos, como evidências da cultura e do período em que foram produzidos” (p.17). Ou seja, o termo cultura era pensado a partir de seu contexto de produção, seria o estudo da cultura material.

Huizinga em ensaio publicado em 1929 (apud Burke, 2006, p.18-9) afirma que

“o principal objetivo do historiador cultural era retratar padrões de cultura em outras palavras, descrever os pensamentos e sentimentos característicos de uma época e suas expressões ou incorporações nas obras de literatura e arte. O historiador (...) descobre esses padrões de cultura estudando ‘temas’, ‘símbolos’, ‘sentimentos’ e ‘formas’”.

Huizinga se preocupava muito com a forma, sua abordagem é considerada morfológica por se preocupar demais com o “estilo de toda uma cultura”, tanto na literatura quanto em pinturas, etc. Ele se preocupava com ideais de vida, de fidalguia, buscando formas e padrões de comportamento para tentar explicar “a mente apaixonada e violenta daquele tempo”, por isso seu apego a estrutura de formalidade.

Na segunda fase, as contribuições vem da Alemanha e de acadêmicos que “não trabalhavam nos departamentos de história”, tais como o sociólogo Max Weber. Seu eixo norteador era “apresentar uma explicação cultural para a mudança econômica”, depois temos outro sociólogo Alemão Nobeit Elias, seguidor de Weber e de Freud. Elias se preocupou com a história dos modos à mesa de maneira a relatar sobre o autocontrole. Para Elias “escrever sobre a ‘civilização’, e não sobre a cultura, sobre ‘superfície da existência humana’ e não sobre suas profundezas, sobre a história do garfo e do lenço, e não sobre a história do espírito humano” (p.21). Ele contribuiu para o estudo como “cultura do autocontrole”.

Por fim, retomamos Aby Warburg também de estilo alemão em cuja análise buscou influências na história cultural, não era acadêmico, mas um homem filho de banqueiro, deixou sua herança para o irmão mais novo, fez um acordo para que pudesse comprar os livros que precisasse. Seu interesse estava nas obras de filosofia, psicologia e antropologia, sem falar na história cultural do Ocidente, passando da Grécia até o século XVII. Tinha como objetivo refletir para a “ciência da cultura” evitando os limites entre as disciplinas acadêmicas. Warburg era admirador de Burckhardt, acreditava que “Deus está no detalhe”, escreveu ensaios sobre o Renascimento italiano, estava interessado “na tradição clássica e em suas transformações a longo prazo” (p.22).

A revolução nessa fase está na idéia do esquema como “estimulante” para historiadores culturais e outros. Psicólogos afirmam que é mais fácil perceber ou

“lembrar” de algo a partir de esquemas. Para o filósofo Karl Popper ” (Burke, 2005, p. 22) seria “impossível observar a natureza adequadamente sem uma hipótese para testar, um princípio de seleção que permita que o observador veja um padrão, e não uma barafunda”. Diante disso, na obra *Arte e Ilusão* (1960) de Ernst Gombrich o esquema cultural atinge o patamar da forma mais completa, seu tema central é escrito a partir da relação entre “verdade e estereótipo”, “fórmula da experiência” ou “esquema e correção” e da observação da realidade.

A partir da década de 1920, aconteceram episódios como a tomada do poder do ditador Hitler em 1933, o pós-guerra, enquanto a Europa perde o poder político-econômico, existe a modificação do foco na história cultural. Para Warburg (apud Burke, 2005, p. 24), cujo tema favorito é o da “transmissão e transformação das tradições culturais”. Nessa época os estudiosos tiveram interesse nas relações entre cultura e sociedade.

Já na terceira fase,

## 2.2 Identidade cultural

Atualmente as questões sobre identidade vem sendo muito discutidas. Segundo Stuart Hall (2002), tais questões de identidade são percebidas a partir da teoria social. Já que antes os indivíduos estavam mais centrados na esfera política. Assim sendo ele afirma que “as velhas identidades (...), estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui como um sujeito unificado”. (p.7). Ele descreve esse processo como sendo uma “crise de identidade”, e um processo de mudança que têm abalado as estruturas e os quadros de referência das sociedades modernas.

Ainda segundo Hall (2002, p.9), as sociedades modernas, desde o final do século XX estão se fragmentando no que diz respeito as:

paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que



temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Em seguida, Hall cita três concepções de identidade, são elas:

- a) Sujeito do Iluminista, baseado na concepção de que o indivíduo seria centrado, unificado, dotado de razão. É um individualismo exagerado. Talvez essa concepção se baseie na ciência dessa época, já que no século XVIII o homem era o centro e ele detinha o poder.
- b) Sujeito sociológico parte do pressuposto o sujeito não era autônomo, nem auto-suficiente, mas constituído a partir de relações com outras pessoas. Esta concepção é considerada “interativa” da identidade do eu. Nela, a identidade é formada “na interação entre o eu e a sociedade” (p.11), formado e modificado a partir dos mundos culturais “exteriores” e das identidades oferecidas por esses mundos. Percebemos a oposição entre interior x exterior, mundo pessoal x mundo público.
- c) Sujeito pós-moderno é o indivíduo que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ou seja, a identidade é mutável, adaptável de acordo com o momento determinado, como uma “celebração móvel”. Por exemplo, hoje em dia a mulher é mãe, filha, eleitora, trabalhadora, e em para nós brasileiros tivemos a honra que ver a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe da nação. Ela, a presidente eleita em 2010 é mulher, mãe, chefe, presidente, etc. Note que uma identidade não sobrepõe a outra.

Ainda, de acordo com Hall (2002, p.21) a identidade “muda de acordo com a forma em que o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. Assim, sendo, a identidade pode ser mudada e adaptada de acordo com o momento em que o indivíduo está passando, a partir de uma necessidade real.

### 2.3 Sobre o Herói

Segundo Chevalier (2006, p.488) o herói é “o produto de um conúbio de um deus ou

de uma deusa com um ser humano, o herói simboliza a *união das forças celestes e terrestres*. Não goza naturalmente da imortalidade divina, se bem que conserve até a morte um poder sobrenatural: deus decaído ou homem divinizado”.

No entanto, não nos reportamos a tal definição, mas sim a de um ser humano que possui as seguintes características: estratégia para transpor os obstáculos vindos diariamente; a força física para realizar os trabalhos cotidianos e a essência guerreira, na base da bravura, a coragem para lutar por si e seu povo; podendo não ser um adivinho ou um profeta.

Sobre o nascimento do herói, segundo Feijó (s.d., p.12):

“Todos povos chamados de primitivos têm seus mitos e em seus ritos e cultos a presença de vários indivíduos destacados, superdotados, valentes, diferentes da média dos homens, que nós chamamos de heróis, Foram os gregos que deram o nome a eles, como também foram os mitos gregos os que mais sobreviveram, que não se transformaram em religião nem desapareceram da memória da história.”

Ainda de acordo com Feijó (s.d.) o nascimento desse herói se daria como o mito. Embora o significado de mito, não esteja ligado a “mentira”, mas corresponde “às crenças de um povo, do conjunto, da comunidade, da coletividade. Por isso, ele se torna a ‘verdade’ desse povo”. (p.13). Porém, não é uma verdade daquelas comprovadas em laboratório, mas a verdade de acordo com uma mentalidade coletiva.

O mesmo autor nos explica que o mito sobrevive não por explicar a realidade desse povo, mas por realizar a reflexão de um aspecto real do povo. Para Feijó (s.d., p.13) o mito é “um consolo contra a história e o herói, um consolo contra a fraqueza humana”. Em contraposição Fernandes (1989, p.13) afirma que os mitos existem “para esconder a realidade” e revelam “a realidade íntima de uma sociedade ou de uma civilização”, referindo-se que ao mito da democracia racial existente no Brasil.

Não iremos refletir sobre o mito e a mitologia greco-romana, suas divindades e suas façanhas heróicas, esse não é nosso objetivo. Nem sobre o questionamento de os mitos seriam divindades que se humanizaram ou humanos que foram divinizados.

De acordo com Feijó (s.d.), alguns estudiosos acreditam que “esses heróis tinham sido indivíduos destacados em suas sociedades e que a imaginação coletiva acabou por dotá-los de poderes extra-humanos” (p.17). O pensador Evêmero (século III a.C.) corrobora com essa idéia, sua explicação é conhecida como *evemerismo*, diz que “os deuses e os heróis eram indivíduos reais, principalmente reis em suas comunidades, que por suas virtudes ganharam a simpatia de seus povos, e que através das gerações essas qualidades foram se ampliando até atingir a divinização”. Ou seja, o mito nasceria de uma história real e o herói teria características de um indivíduo destacado em sua comunidade.

Sobre tais costumes, cada sociedade na perspectiva de Antônio Candido: “cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação delas”. (1988, p.243).

Em suma, Chevalier (2006, p.489) afirma que “a primeira vitória do herói é a que ele conquista sobre si mesmo”, corroboramos com essa reflexão e ao longo de nossa pesquisa iremos utilizar o termo herói como sinônimo da pessoa negra afro-descendente que buscamos exaltar a partir da pesquisa de campo com os informantes campinenses entrevistados.

## 2.4 Método da pesquisa

Nesta pesquisa, nosso interesse está ligado às reflexões a respeito do herói afro-descendente na cidade de Campina Grande, cidade do interior do estado da Paraíba (PB). Segundo Souza, Fialho e Otani (2007), no decorrer de nosso estudo, com relação às fontes de informação, classificamos como pesquisa de campo – onde coletamos informações no local natural dos fatos; e, bibliográfica, pois coletamos informações sobre os fatos a partir de material impresso.

## 2.5 As condições da Pesquisa

Nessa fase da pesquisa, conversamos com diversos campinenses, elaboramos um questionário e entregamos para tais pessoas. Para que o indivíduo estivesse apto para respondê-lo, nosso critério é que esse sujeito se considere negro.

Nosso instrumental teórico que diz respeito ao conceito do negro no Brasil atualmente, (Falar sobre as teorias)

Nosso objetivo com esse procedimento foi o de registrar alguns dados sobre esses indivíduos e, sobretudo, que eles pudessem expressar sua opinião sobre o Herói, objeto de nossa pesquisa.

Vale salientar, que não foi fácil encontrar os afro-descendentes que participam do Movimento Negro, na Pastoral da Igreja Católica, esses afro-descendentes não permitem que outras pessoas tenham a oportunidade conhecer suas idéias e divulgá-las, talvez seja um movimento de resistência pelas situações sócio-econômicas já vivenciadas. Encontramos um dos líderes no Bairro do São José, eles fazem reuniões na Sab do Bairro ou nas residências de pessoas do grupo.

Assim, entrevistamos 50 afro-descendentes de nosso convívio, da comunidade acadêmica da Universidade Federal da Paraíba (UFCG), e de bairros circunvizinhos tais como Monte Santo, Pedregal, Bodocongó e Bela Vista. Dessa forma, agendamos as conversas informais e o preenchimento dos questionários, eles prontamente se mostraram agradecidos a nos auxiliar nessa experiência.

## 2.6 O Questionário

Nosso objeto de pesquisa foi elaborado a partir de 07 perguntas para serem respondidas pelos informantes. Assim, podemos perceber claramente, que as primeiras 04 perguntas são: a) de origem quantitativas, em que os dados coletados são para os situarmos com relação aos números sobre o nosso herói afro-descendente; b) de origem qualitativas e referem-se ao nosso objeto de pesquisa

propriamente dito.

Como exemplo dos questionamentos, temos:

a) quantitativas

1 Sexo (mas/fem)

2 Idade

3 Estado Civil

b) qualitativas

6. Quais características essa pessoa tem? Cite, algumas.

## 2.7 Reações durante a coleta de dados

Os 50 informantes escolhidos para a pesquisa de campo nos auxiliaram nas respostas do questionário, bem como em conversas informais durante a aplicação do questionário, o que se configurou como sendo um momento de interação em que os sujeitos pesquisados relataram suas experiências de vida e, agradeceram pela pesquisa.

Vale salientar, que a coleta de dados não foi uma atividade fácil, pois no momento em que solicitamos os sujeitos para fazermos a coleta de dados alguns não quiseram nos responder, “por não ter tempo” ou “não ter interesse”, foram dadas como respostas. Ao passo que algumas senhoras nos perguntaram se era pesquisa do IBGE ou do Governo Federal e disseram que não iriam responder com medo de perder o auxílio financeiro do Governo. Outros nos perguntaram sobre nosso objeto de pesquisa e quando mencionamos se tratar de um trabalho voltado para o afro-descendente, alguns disseram que não existem negros no Brasil, mas sim mestiços.

Tal afirmação corrobora com Fernandes (2007) em seu artigo “Aspectos da questão racial”, num tópico, intitulado “o preconceito de não ter preconceito”, ele explica sobre as questões de preconceito étnico-racial em nosso país. Tais questões são provenientes do nosso passado, com relação à escravidão dos negros e dominação dos brancos.

Segundo Fernandes (2007, p. 41) as relações sociais e os valores

“vinculados à ordem social tradicionalista (...) são repelidos no plano da ação concreta e direta. Daí uma confusa combinação de atitudes e verbalizações ideais (...). Tudo se passa como se o ‘branco’ assumisse maior consciência parcial de sua responsabilidade na degradação do ‘negro’ e do ‘mulato’ como pessoa”.

O autor reflete sobre a democracia racial ideal x real, e a dominação. O importante nas relações sociais não é a questão da cor da pele, mas a reflexão de que todos somos seres humanos e por isso deveríamos ser respeitados. Nesse sentido a ideologia do “branco” através de sua posição sócio-cultural ele perpetua a máxima de que seria “preconceito não ter preconceito”.

Após as respostas de nosso objeto de pesquisa, sentimos a necessidade de retornarmos ao campo a fim de percebermos as respostas para alguns questionamentos. Nessa fase, procuramos apenas as pessoas mais próximas (aproximadamente 20 pessoas), pois alguns dos informantes não saberíamos onde encontrar, visto que os abordamos em vias públicas, em frente aos bancos ou lugares de grande circulação de pessoas.

“Trazidos em navios negreiros  
Muitos morreram de banzo antes de aqui chegar  
A boca secava de sede,  
Caíram no samba para a dor passar  
Criaram uma luta nas matas e debaixo do nariz do feitor  
Dançavam pra disfarçar (...)”  
Mestre Negoativo/Alexandre Cardoso

### **3 Contexto Histórico**

#### **3.1 Sobre a Escravidão**

Sabemos que a escravidão fora praticada em vários povos, e em épocas distintas, se levarmos em consideração a Bíblia Sagrada, no livro de Êxodo, retomamos que

os judeus quando estavam no Egito foram escravizados, ainda na Bíblia o livro de Ester descreve com detalhes sobre as escravas do rei. Esses escravos não nasceram sobre essa denominação, eles foram submetidos à escravidão por algum tempo ou por causa de conquistas através de guerras.

Ao estudamos sobre as civilizações da Antiguidade, vemos que nas Greco-romanas mencionam a existência de escravos. Segundo Grimal<sup>1</sup>, em 54 a.C., Tibério Graco fora assassinado em um tumulto no senado, na Pérsia, e seu irmão Caio Graco, perseguido, pediu para que seu escravo o matasse. Na Grécia os escravos podiam desempenhar diferentes papéis na sociedade, tais como domésticos, artesãos, trabalhar na polícia. Eles não tinham direito de votar. Em Roma, os escravos eram status, pois quanto mais escravos possuíam, mais ricos eram seus senhores e, conseqüentemente, mais impostos pagavam ao Estado.

Nessas sociedades, os escravos não pertenciam a um determinado senhor, eles não eram comprados, eles pertenciam ao Estado e exerciam atividades menos favorecidas socialmente. Além disso, o aspecto étnico não era predominante como na escravidão no Brasil.

### 3.2 A escravidão negra

Durante os séculos XVII, XVIII e XIX tivemos grande fluxo de escravos vindos da África para a América do Sul. No século XVI a grande quantidade era de escravos para o Caribe e o México. Já a partir da colonização da América Portuguesa os africanos passaram a chegar ao Brasil.

Carneiro (1981) afirma que existiram duas categorias de negros vindos para o Brasil, a saber: os sudaneses e os bantos. Os primeiros vieram da região do Níger, na África ocidental, foram levados para Bahia, e na região do Recôncavo, eles trabalharam na lavoura.

Para Carneiro (1981) Os sudaneses eram “os nagôs (iorubas), os jejes (ewes), os

---

<sup>1</sup> Cf. Grimal, s.d [1997]

minas (tchis e gás), os hussás, os galinhas (grúncis), os tapas, os bornus, etc” (p.29). Foram para a Bahia os negros fulas e os mandes (mandingas), que tinham influência mulçumana.

Enquanto que os bantos eram originários do Sul da África (Angola, Congo, Moçambique), foram levados para Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro, outras migrações foram para Alagoas, litoral do Pará, Minas Gerais, Estado do Rio e São Paulo. Segundo Carneiro (1981) os bantos eram os angolas, benguelas, os moçambiques, os macuas, os congos, etc.

A partir do século XVII o tráfico já estava em alta, vários países europeus, tais como nas colônias britânicas, holandesas e as da América Portuguesa. Por causa do desenvolvimento de fazendas de produção de um produto para a exportação, os escravos vinham trabalhar nas lavouras de açúcar. Os colonizadores devastaram a África e suas riquezas em busca do Ouro, nas regiões do Senegal e de Serra Leoa, além do Congo e de Angola.

O século XVIII foi considerado o auge do tráfico. Segundo Gomes (2009, p.55), Portugal “dependia de escravos em quantidades cada vez maiores para as explorações de suas minas de ouro e diamante e suas lavouras de cana de açúcar, algodão, café e tabaco”. Os navios chegavam a Portugal, vindos de diferentes partes do mundo, embora a “metrópole portuguesa” fosse considerada um “entreposto comercial”. O ouro, a madeira e os produtos agrícolas do Brasil iam diretamente para a Inglaterra, principal parceira comercial de Portugal. Para assegurar essa mão-de-obra barata firmaram-se acordos proibindo o tráfico de escravos para as Américas, mas o tráfico ainda era feito de maneira ilegal durante o século XIX.

Além disso, a decadência de Portugal atingia o auge, foi o último país europeu a acabar com a Inquisição “(...) foi também o derradeiro a abolir o tráfico de escravos e a assegurar a liberdade de expressão e os direitos individuais” (Gomes, 2009. p. 60).

Esses africanos que vieram para o Brasil, eram homens, mulheres e crianças, embarcados à força, seqüestrados de suas famílias e culturas para serem conduzidos em porões de navios e ao chegar à colônia, vendidos como escravos,



eram açoitados, presos, humilhados como se não fossem seres humanos. O Brasil se desenvolveu na agricultura e na economia, ao passo em que eles incorporaram também nossa língua e cultura. Esse povo conseguiu casar, tiveram filhos, esses descendentes são conhecidos por nós como afro-descendentes.

### 3.3 A escravização no Brasil

Esses africanos que aqui se tornaram escravos muitas vezes eram submetidos às autoridades eclesiásticas da época, tais como padres, frades, etc. Estes se incumbiam de lhes ensinar os dogmas do cristianismo. Como exemplo, Benjamin (2004, p. 108) ilustra-nos os africanos de origem malês<sup>2</sup>, reis na África, que ao desembarcarem no Brasil, mais precisamente em Salvador, um deles, chamado Igô foi comprados por frades capuchinhos da Piedade,

que lhes ensinaram preceitos do cristianismo. Igô recebeu o nome brasileiro de Luiz Felisberto da Silva Couve. Como os seus ancestrais, Igô havia adotado o islamismo, sem contudo, abandonar as velhas crenças do seu povo e, assim, além de respeitar os preceitos de Maomé, era sacerdote de Ifá e praticava o jogo adivinhatório com tal sabedoria que era muito procurado na Bahia como adivinho.

Benjamin (2004) também nos descreve o exemplo de uma mulher escrava, que viveu em Pernambuco, na segunda metade do século XIX, no engenho de Ipojuca e era considerada rainha pelos escravos. Essa mulher formosa, era Tereza Rainha, que fora ornada com braceletes de metal dourado e antes fora rainha em Cabinda, mas a corte a condenou a escravidão por causa de uma suposta infidelidade ao rei seu esposo.

Sabemos que durante a escravização em nosso país, os colonizadores escolheram o litoral, sobretudo, o nordestino. Os estados de Salvador e Pernambuco alcançam destaque, e depois vemos o Rio de Janeiro, e alguns estados do sudeste e sul. Dentre essas cidades litorâneas, Recife se destaca por causa do porto, seu cais possuía um Porto para embarcações grandes, chamado de “águas profundas”, ao passo que a Paraíba não tinha esse aparato, neste porto apenas recebia pequenas

---

<sup>2</sup> Malês ou Malinké é uma etnia da África Central

embarcações. Esse fator impossibilitou a Paraíba e o município de Campina Grande na exportação do algodão no século XIX. Por essa razão muitos escravos da Paraíba vinham de Pernambuco e de Recife.

Sobre Campina temos

Segundo Lima (2009, p.55)

a Campina Grande oitocentista não era só um lugar em que as pessoas possuíam escravos, mas sim que era uma sociedade efetivamente escravista. Isso significa dizer que a posse de escravos não era apenas mais um detalhe daquela sociedade, mas sim o seu traço definidor, em termos econômicos, sociais e políticos.

Esse pesquisador estudou mais de 900 inventários e concluiu que destes

mais de 60% dos inventariados (portanto, a maioria daqueles que morriam e deixavam algum tipo de bem para a sua descendência) registrava a posse de escravos. E mais: o restante da riqueza que tinham, seja em terras, animais, roças, benfeitorias etc, ou foram geradas diretamente ou para a sua manutenção dependiam da sistemática exploração e domínio dos trabalhadores escravizados. (2009, p.56).

Ainda segundo o historiador acima, durante a primeira metade do séc XIX

“Minha mãe, alisa de minha fronte todas as cicatrizes do passado  
Minha irmã, conta-me histórias da infância em que eu haja sido herói sem [mácula]”  
Vinícius de Moraes

## 4 Resultados e discussões

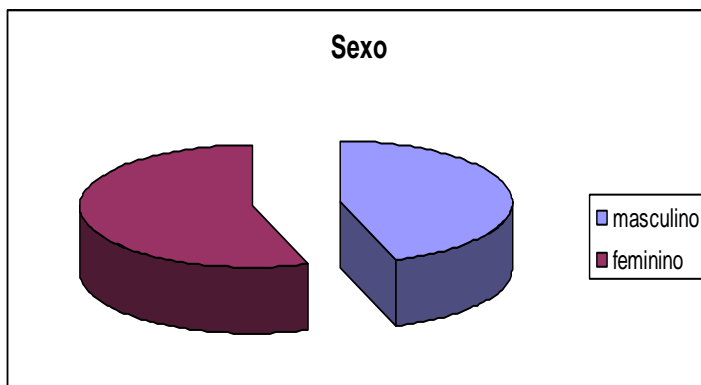
Para iniciarmos nossa análise da experiência realizada, vale salientar, que nosso *corpus* consiste nas informações coletadas a partir de entrevistas, 50 questionários respondidos e em algumas conversas informais feitas com as mesmas pessoas. Em nossa análise de conteúdo, faremos uma leitura crítico-reflexiva do material coletado, destacando os elementos considerados relevantes para nossa pesquisa. Não poderemos, fazer uma análise de todos os elementos coletados, assim faremos uma seleção do material fruto de nosso interesse.

Eis a análise, propriamente dita.

Sabemos que os indivíduos em nossa sociedade assumem papéis simbólicos que os caracterizam como sujeitos de uma coletividade. Estes papéis simbólicos **são** determinados pelos lugares sociais em que os indivíduos se inserem. Dessa forma, cada sujeito constrói seu lugar social na interação com sua localidade e com os outros indivíduos de sua coletividade, assim, é através das relações interpessoais que o indivíduo vai construindo sua identidade (social, étnica, política, etc) como um ser que é ao mesmo tempo atuante e dependente do meio no qual se expõe.

A partir da coleta de dados, vimos que o perfil dos entrevistados está de acordo com os gráficos abaixo:

Com relação ao sexo, percebemos que grande parte dos entrevistados são do gênero feminino (26), enquanto (21) são do gênero masculino.



01. Sexo	Mas 16 +5 21 Fem 11+15 26	
	Idade 22, 55, 37, 20, 24, 27, 20, 24, 26, 23, 50, 21, 45, 42, 29, 48, 48, 38, 55, 38, 33, 19, 18, 40, 49, 30, 32	Vinte a trinta 14 + 10 Quarenta a cinqüenta 10+ 7 Mais de cinqüenta 06
Estado civil	Solteiro 14 11 Casado 10 9	

	Companheiro 2 Separado 2 Viúvo	
Filhos	Sim 25 Qde 3, 2, 2, 4, 3, 2, 2, 3, 3, 3, 2, 1 Não 10+ 10	Mas 18+ 10 Fem 18+ 11
2. Profissão, tempo	Estudante Letras, farmácia, direito Professor, 8 anos Professora, 11 anos Estudante (3) Professor, 2 anos (letras) (2) Montadora, 1 ano Auxiliar administrativo e funcionário público Do lar Comerciante, 5 anos Comerciante, vendedora, 5 anos Comerciante, 30 anos Comerciante, sapateiro, 20 anos Motorista, 5 anos Comerciante, feirante, 24 anos Pedagoga, professora, 8 anos Comerciante, feirante, 1 ano Feirante, agricultor, 5 anos Comerciante, 6 anos Vigia, 9 anos Comerciante, 21 anos Artesão Auxiliar doméstica, 5 anos	Outra atividade Sim 6 Não 20
3. Escolaridade	Fundamental- comp 1 Médio 7 Universitário 5 letras(2), ciência comp, pedagogia. Pós-graduação Mestrado   Dotourado	Incomp 5           (letras, historia, direito, farmácia)  Ciência da Computação,

4. Faixa salarial	Até 01 17 01 a 03 7 04 a 10 2 Acima de 10 1	
Renda familiar	Até 01 3 01 a 03 10 04 a 10 5   Acima de 10 3 Não sei 5	
7. Disponibilidade para entrevista	Sim 9 Não 17	

05. Quem admira?	Pq?
Mãe II	Exemplo superação, determinação incentivo nos estudos
Professor	Dinâmico
Mãe	Determinação, coragem e força de vontade para enfrentar as dificuldades
Professora Monica Simões	Perfil profissional considerado um dos melhores da UEPB
Mãe	Ela me ensinava como ser uma pessoa decente. Independente dela. Ela é o máximo
Eu mesmo	Sociedade injusta
Pai	Nos estudos e incentivo à leitura
Marido	Homem batalhador, inteligente, perseverante, é um exemplo para mim.
Mãe	Pela força e resistência no dia-a-dia
Mãe	Coragem, me criou sozinha
Mãe	Ensinava coisas boas
Mãe	Eu me espelho nela
Pai	Personalidade construinte
Mãe	Cuidadosa
Mãe	A vida dela foi exemplo
Eu mesmo	Ninguém e perfeito, todos são injustos
Meus filhos, meu esposo	admiração

A vizinha	Guerreira e forte
Mãe (falecida)	Bem querer, não desprezou os filhos como o pai
Mulher	Cuida dos filhos
Mãe	Boa para mim
Mãe	Especial
Mãe	Guerreira, trabalhadora, simpática
Amiga	
Filha	Corajosa, vai em busca dos objetivos
Mulher	guerreira

06. Características
Companheira, amiga, carinhosa, determinada
Arrojado, inovador, tem produção acadêmica expressiva
Trabalhadora, honesta, determinada, decidida
Inteligência, didática excelente, segurança
Amorosa, calma e se dá por completo para aqueles que ama
Personalidade forte, sempre em busca de compreender a vida
Leitor, carinhoso e atencioso
Educado, calmo, bonito, inteligente
Paciente, determinada e exigente
Trabalhadora, batalhadora
Uma pessoa qualificada em tudo o que faz, faz especialização e me incentiva
Conselheiro
Cuidado constante e preocupação no dia-a-dia
Seu caráter, a pessoa e a sinceridade
Trabalhador II
Meus filhos são bons e marido é um exemplo de amor
Batalhadora, forte, trabalhadora,
Trabalhadora, zelo e cuidado com os filhos
Trabalhadora, muita disposição
Trabalhadora
Sincera, quando quer dizer algo diz, trabalhadora
Profissional exemplar que gosta de ajudar as pessoas
trabalhadora


## **5 Últimas considerações**

Finalizando nossa pesquisa, teceremos algumas considerações acerca do nosso tema o herói negro afro-descendente na cidade de Campina Grande – PB.

Quanto à metodologia e suas respectivas etapas desde a pesquisa bibliográfica, a de campo, a confecção até a análise dos dados, percebemos a necessidade de retornar ao campo a fim de aprofundar outras questões, apesar disso consideramos a pesquisa bastante satisfatória. Vimos que o herói possui uma imagem positiva contrastando com a imagem vinculada inferiorizada e estereotipada vinculada pela mídia.

Percebemos com ânimo os resultados da coleta de dados e as conversas informais com os informantes. Eles demonstraram noções de consciência, Além disso, pudemos perceber a existência do herói negro afro-descendente, ligado à tradição cultural, sobretudo vinculado a identidade sócio-familiar, esse herói está intimamente ligado a experiência de vida dos informantes, sua leitura de mundo e com a escola da vida (Ceccon e Oliveira, 1997).

## Referências

- ARIÈS, Philippe e DUEY, Georges. *História da vida privada – do Império Romano ao ano mil*. In: Paul Veyne (org.). (Trad. Hildegard Feist). Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós*. Vol. I. João Pessoa: Grafset, 2004.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em: 25 Jul 2009.
- BRASIL Lei N° 10.639/03. Lei da Obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1988.
- CARNEIRO, Édison. Religiões negras. In: \_\_\_\_\_. *Religiões negras e negros bantos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981. pp.29-32.
- CECCON, Claudius e OLIVEIRA, Miguel D. *A vida na escola e a escola da vida*. São Paulo: Vozes, 1997.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- FERNANDES, Florestan. Um mito revelador. In: \_\_\_\_\_. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989. pp. 13-19. Coleção polêmicas do nosso tempo. v.33.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Tradução de Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70. s.d. [1997].
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- LIMA, Luciano Mendonça de. *Cativos da “Rainha da Borborema”: uma história social da escravidão em Campina Grande - século XIX*. Recife: Ed da UFPE, 2009.
- MEC – Ministério de Educação e Cultura. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. MEC/SEPP/IR: Brasília, 2004. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 25 Jul 2009.



SOUZA, Antonio Carlos de, FIALHO, Francisco Antonio Pereira, OTANI, Nilo. TCC: Métodos e Técnicas. Florianópolis: Visual Books, 2007.

## Anexos

## Anexo A – Instrumento de pesquisa

## Instrumento de pesquisa

1. Sexo: Masc. ( ) Fem. ( )

1.2. Idade: \_\_\_\_\_

1.3. Estado civil:

Solteira/o ( )

Casada/o( )

Companheira/o ( )

Separada/o ou Divorciada/o( )

Viúva/o ( )

1.4. Tem filhos/as: Sim ( ) Não ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Masculino ( ) Feminino ( )

2. Profissão: \_\_\_\_\_

2.1. Função ou Cargo\_Atual que exerce \_\_\_\_\_

2.2. Quanto tempo você trabalha na sua função atual? \_\_\_\_\_

2.3 Tem outra atividade remunerada? Sim ( ) Não ( )

3. Escolaridade:

Fundamental ( )

completo ( )

incompleto ( )

Médio ( )

completo ( )

incompleto ( )

Universitário: ( )

completo ( )

incompleto ( ) Qual curso? \_\_\_\_\_

Pós-Graduação: \_\_\_\_\_

Mestrado

( )

Doutorado ( )

Área de concentração: \_\_\_\_\_

4. Faixa Salarial:

Até 01 salário mínimo ( )

01 a 03 salários mínimos ( )

04 a 10 salários mínimos ( )

acima de 10 salários mínimos ( )

4.1. Renda familiar:

Até 01 salário mínimo ( )

01 a 03 salários mínimos ( )

04 a 10 salários mínimos ( )

acima de 10 salários mínimos ( )

Não sei ( )

5. Atualmente quem você admira? Quem é exemplo para você? (Não me refiro ao campo artístico nem religioso). E por que?

---



---



---

6. Quais características essa pessoa tem? Cite, algumas.

---



---



---

7. Você estaria disponível para um a entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões?

Sim ( ) Não ( )